

TAL MEDIADOR, QUAL LEITOR? – RESPOSTAS DE JOVENS LEITORES DO ENSINO MÉDIO INTEGRADO¹

[SUCH A MEDIATOR, WHICH READER? – ANSWERS FROM YOUNG READERS OF INTEGRATED HIGH SCHOOL]

Cássia de Fátima Matos dos Santosⁱ

ORCID 0000-0002-0663-8254

Instituto Federal do Rio Grande do Norte – Lajes, RN, Brasil

Afra Gabriela da Silvaⁱⁱ

ORCID 0000-0001-7273-4642

Universidade Federal Do Rio Grande Do Norte – Natal, RN, Brasil

Resumo: Investigação sobre a formação de leitores literários no contexto do Ensino Médio Integrado. O estudo ancora-se no letramento literário e nos estudos sobre a formação do leitor literário. Os resultados apontam aspectos como: a relevância das práticas e orientações dos mediadores; o empréstimo bibliotecário, de amigos e familiares como principal forma de acesso aos livros; a preferência por livros impressos; os alunos fortalecem sua autonomia leitora após ingresso no ensino médio; a literatura como essencial e indispensável, ferramenta que possibilita uma visão de mundo crítica, o autodesenvolvimento e experiências transformadoras na vida.

Palavras-chave: Leitor literário; Mediadores; Ensino médio.

Abstract: Research on the formation of literary readers, in the context of Secondary School technical education. The study is based on literary literacy and on the formation of the literary reader studies. The results suggest the following aspects: the relevance of the practices and orientation of mediators; the library is the main gateway to books; young people prefer to read paper books and strengthen their reading autonomy after entering Secondary School; Literature is either essential and indispensable, and it also enables a critical worldview, self-development and transformative life experiences.

Keywords: Literary reader; Mediators; Secondary School.

¹ Os resultados desta pesquisa foram apresentados parcialmente no XV CONGIC 2019 – Congresso de Iniciação Científica do IFRN, sob o título: Tal mediador, qual leitor? – Formação de leitores literários no contexto do Ensino Médio Integrado, no IFRN Campus Lajes.

1. Tal mediador... qual leitor? – situando a pesquisa

O ensino de literatura tem sido um campo de estudo que desperta cada vez mais o interesse e a preocupação de muitos professores e pesquisadores em universidades no Brasil e no exterior, bem como dos professores de língua portuguesa do ensino básico. A literatura, como uma área do conhecimento que traduz as mais diversificadas experiências humanas por meio da linguagem, coloca-se como um conteúdo de ensino privilegiado, proporcionando a exploração da aprendizagem, desenvolvimento e aprimoramento não só da leitura e da escrita na escola, pois estas são prerrogativas básicas do ensino de Língua portuguesa, mas da possibilidade de um exercício de desautomatização da linguagem conforme compreensão já estabelecida pelos formalistas russos (CHKLOVSKI, 1978), em especial pelo caráter plurissignificativo e de fruição do texto literário. Antonio Candido, em seu clássico ensaio “O direito à literatura” (2004) nos ensina que a literatura é um conhecimento humanístico imprescindível a toda pessoa, inserida no contexto da produção de bens culturais e da arte em geral, aos quais todos devemos ter acesso. Esse acesso, no entanto, como ele mesmo nos lembra, não garante que nos tornemos, conseqüentemente, sujeitos melhores e afeitos às virtudes pelo simples contato com ela.

Entendendo a literatura nesta dimensão, ratifica-se a sua importância no cenário de educação formal de crianças e jovens. Surge, desse entendimento, o desafio de formar leitores, que se faz enorme para os docentes de todas as áreas, uma vez que ler é uma atividade cotidiana de todas as disciplinas do currículo escolar. Se pensarmos em formar leitores de literatura, o quadro torna-se mais desafiador. Somos sujeitos de um momento histórico em que a velocidade e a cultura do descartável acaba por se internalizar em nossas ações tornando-nos indivíduos automatizados no cotidiano apressado. Ler literatura, adentrar este universo movente, mas em outra direção que não a do ritmo incessante, é seguir em caminho oposto ao pragmatismo e utilitarismo da vida moderna. A literatura persiste como um saber sempre posto a desafiar os saberes estabelecidos, pois seu campo não é fixo, nem se propõe a educar no sentido normativo do termo. Ainda conforme os ensinamentos de Candido, a literatura propõe libertar o

pensamento do lugar comum, provocando a desautomatização das formas estabelecidas de ver o mundo.

Observando pelo viés da inter-relação entre estudos literários e ensino de literatura, pode-se perceber que esta tem sido problemática, já que, por um lado, a prática desse ensino no sistema escolar é comumente criticada por se voltar para a história da literatura, e nisso se perde o foco do texto literário e a sua função acaba por ser esvaziada. Por outro, parece faltar, no processo formativo dos professores, arsenal metodológico e estratégias de mediação adequadas para a condução desse ensino na sala de aula. Há ainda quem questione o status da literatura como componente curricular. A didática da literatura, nesse contexto, é um componente curricular só recentemente adotado em cursos de Letras em algumas universidades, especialmente onde há pós-graduação na área de ensino. Há, além disso, controvérsias sobre as metodologias para o ensino da literatura, por se tratar de uma disciplina extremamente subjetiva, cuja voz ecoa diferentemente dentro de cada um, exigindo, portanto, um exercício de introspecção e concentração por parte do leitor. As contradições e anacronismos, bem como os avanços dessa problemática têm sido discutidos por autores já reconhecidos na área como Chiappini (2005), Soares (1999), Pinheiro (2002; 2006), Todorov (2009), Cosson (2007; 2014), Rezende (2013), Durão (2017) dentre outros.

Nesse sentido, uma questão central está colocada aos professores de língua portuguesa e literatura: “como se formam leitores de literatura no contexto da escola contemporânea? E mais especificamente para o propósito da pesquisa ora em apresentação: como se formam leitores de literatura no Ensino Médio Técnico Integrado?” As pesquisas sobre o processo de formação do leitor literário têm refletido sobre variáveis como a formação e a mediação do professor, os critérios de seleção de obras literárias, o cânone, a análise e interpretação do texto literário, dentre outros. Tais aspectos exigem uma clareza metodológica no contexto do ensino, a fim de que construamos uma “cultura literária” (BERNARDES, 2013) capaz de tornar a literatura um valor imprescindível ao processo formativo dos estudantes.

A ideia de desenvolver a pesquisa sobre a formação leitora no contexto do Ensino Médio Integrado surgiu a partir de uma conversa no primeiro dia de aula do ano letivo de 2018, com alunos do 4º ano de Informática, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFRN, Campus Avançado Lajes. A conversa fluía franca e

espontaneamente quando perguntei quem tinha lido livros durante as férias. Vários alunos responderam o que estavam lendo e um deles me provocou um ‘deslocamento’ ao me contar que tinha lido sete livros. O estranhamento se deu não pela quantidade em si, mas pela variedade que os títulos revelavam: eles se mesclavam desde *O guia do mochileiro das galáxias*, de Douglas Adams e *Os sofrimentos do Jovem Werther*, de Johann-Wolfgang-von-Goethe, passando por *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos e *A sutil arte de ligar o foda-se*, de Mark Manson, entre outros cujos títulos que não anotei. O interesse e o entusiasmo com que este jovem comentou sobre as suas recentes “conquistas” literárias me apontaram aspectos instigantes e incômodos a serem investigados, a partir do olhar da docente. Recém-saída da Universidade², eu me defrontava com uma realidade completamente nova e desafiadora, qual seja, dar aulas de literatura para jovens adolescentes, sujeitos bem diferentes dos jovens adultos com os quais lidava cotidianamente na Universidade. Então, a realidade trazida pela fala do meu dileto aluno se apresentou, por um viés, como instigante, pois era real o fenômeno do jovem e entusiasta leitor diante de mim; e, por outro, incômodo, pois levava a me defrontar com um olhar até então embotado sobre a leitura dos jovens, pela minha vivência como professora universitária.

Diante daquele cenário, senti a necessidade de me munir de mais dados que pudessem balizar os que eu tinha anotado na minha sala de aula. Foi importante, nesse sentido, dialogar com alguns dados disponíveis em “Retratos da Leitura no Brasil”, cujos resultados foram divulgados em 2016. Os dados da pesquisa apontam que 44% da população brasileira não lê e 30% nunca comprou um livro. Realizada pelo Ibope por encomenda do Instituto Pró-Livro, a pesquisa ouviu 5.012 pessoas, alfabetizadas ou não, o que representa, em termos de amostragem, 93% da população brasileira. Observando-se os dados da pesquisa, alguns deles chamam a atenção, como por exemplo, saber que para “67% da população, não houve uma pessoa que incentivasse a leitura em sua trajetória, mas dos 33% que tiveram alguma influência, a mãe, ou representante do sexo feminino, foi a principal responsável (11%), seguida pelo professor (7%)”. Além disso, para o foco da investigação proposta no projeto de pesquisa, foi importante destacar a informação de que “Aumentou o número de leitores

² Trabalhei como docente em Universidades Públicas (UFRN e UERN) de 2003 a 2017 e neste último ano migrei para o IFRN, onde leciono majoritariamente no Ensino Médio Técnico Integrado.

na faixa etária entre 18 e 24 anos – de 53% em 2011 para 67% em 2015” e que “Adolescentes entre 11 e 13 anos são os que mais leem por gosto (42%)”.

Nesse diapasão, a pergunta que intitulou o projeto “Tal mediador, qual leitor?” nos pareceu apropriada, se pensarmos em uma questão que se coloca sobre o lugar do mediador no processo de formação leitora dos jovens no ambiente formal da escola. Se confiarmos nos dados da pesquisa, apenas 7% dos entrevistados indicam o professor como aquele que influenciou na sua formação como leitor. A relação constituída pelos sinais revelados na sala de aula e os dados mais abrangentes de “Retratos da Leitura no Brasil” gerou as questões de pesquisa, assim formuladas: qual a função do(s) mediador(es) no roteiro formativo de jovens que se assumem como leitores, independentemente da afinidade com o professor de Língua portuguesa e Literatura? Que outros mediadores existem, no ambiente além da escola? Como os amigos se influenciam nesse processo? Qual o papel das redes sociais e da internet, ou melhor, do ciberespaço, nesse caminho formativo? E mais: seria possível mapear aspectos que nos indicariam por que razões outros jovens, convivendo do mesmo ambiente escolar, não se tornam leitores?

Essas inquietações revelam faces da problemática da formação do leitor literário no contexto contemporâneo. Na posição de docentes, somos observadores diretos das transformações pelas quais a adolescência e a juventude passam hoje. Tais mudanças e alterações ocorrem não somente porque são sujeitos expostos às metamorfoses da urgência contemporânea e das inovações na era da informação, mas, sobretudo, porque assumem papéis ativos no processo no qual estão inseridos.

Esse foi, portanto, o contexto que impulsionou a proposição do Projeto de Pesquisa “Tal mediador, qual leitor? – Formação de leitores literários no contexto do Ensino Médio Integrado, no IFRN Campus Lajes”, desenvolvido no período de agosto de 2018 a fevereiro de 2019, cujo objetivo foi investigar a formação de leitores literários no contexto do Ensino Médio Integrado, no Campus Lajes - IFRN, por meio do relato de suas experiências de leituras. A metodologia do estudo se deu por meio da análise quali-quantitativa e interpretativista dos dados e as ações do projeto se dividiram em três etapas: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e a análise dos dados. Teoricamente, ancorou-se no letramento literário, nos termos de Cosson e Paulino (2009), nos estudos sobre a formação do leitor literário, no conceito de experiência,

conforme Benjamin (1985) e Larossa (2002; 2015) e nas reflexões de Antonio Candido sobre literatura (2000; 2004; 2006). Em suma, o estudo se insere no entendimento de que a literatura é uma área do conhecimento que representa as mais diversificadas experiências humanas por meio da linguagem, concebida como um conteúdo de ensino rico e significativo, pois, vista em perspectiva ampla, propicia o autoconhecimento, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento humano e, numa visão mais específica voltada para o ensino formal, aprimora o domínio da leitura e da escrita na escola.

Assim sendo, este artigo tem o objetivo de evidenciar a forma como foi realizada a pesquisa, detalhar os seus resultados, ao analisar as respostas dos sujeitos colaboradores da pesquisa e, assim, demonstrar as especificidades desse grupo de leitores almejando contribuir para o trabalho docente com a literatura. Para tanto, organizam-se as informações em cinco partes. No item 1, o intuito foi situar o leitor em relação contexto de surgimento e aos objetivos da pesquisa; no item 2, discorre-se sobre aspectos teóricos que balizaram a investigação; no item 3, apresenta-se a metodologia; o item 4 foi subdividido em 5 subitens pois trata da análise dos dados; nas considerações finais, retomam-se as proposições da pesquisa, ressaltando-se as conclusões.

2. Leitor literário: construir sentidos na tessitura do texto

O subtítulo que condensa a discussão proposta neste item traz as categorias importantes desta pesquisa. Partindo do conceito de Letramento literário proposto por Paulino e Cosson (2009, p. 67) como sendo o “processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”, depreende-se que o tornar próprio a si a literatura implica em uma construção de sentidos por parte do leitor. Já o texto literário, objeto do leitor de literatura é, na formulação de Candido (2000, p. 47) produto de “uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos”, o que resulta em um tipo de configuração especial por meio da linguagem e possibilita ao leitor lidar simbolicamente com o universo humano, especialmente em suas contradições e em sua humanidade.

Sendo o objeto de estudo da pesquisa a formação do leitor literário no contexto do Ensino Médio Integrado, o foco da investigação voltou-se para a compreensão dos elementos que contribuem para a formação deste leitor, considerando o caminho

formativo construído por ele e como o trabalho desenvolvido em sala de aula, seja pelo professor de língua portuguesa e de literatura seja por outros de disciplinas diversas, interferem, contribuem e influenciam nesse processo formativo. Para Resende,

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação não prevista no currículo, não cabível no ritmo da cultura escolar, contemporaneamente aparentada ao ritmo da veloz cultura de massa. (RESENDE, 2013, p. 111)

Essas contradições precisam estar claras, pois nos ajudam a compreender a problemática envolvida no ensino de literatura. Promover uma mediação adequada da leitura da obra literária em turmas de estudantes cuja complexidade inclui desde a diversidade étnico-racial, homoafetividade, questões de gênero, sociedade de consumo, cultura massificada, dentre outras variáveis, se reveste de tamanho desafio que o professor, diante da insegurança, tende a repetir e recorrer aos esquemas como “estudos dirigidos, questionários e roteiros de leitura, visando a inculcação de metalinguagens e aspectos formais do texto literário, deixando de fora a cultura e a produção de significados de alunos e professores” (OLIVEIRA, 2014, p. 98).

Se somos avessos ao ensino de literatura que se reduza aos manuais, biobibliografia dos autores e contextualizações históricas das obras, e mais adeptos à entrada na obra como objeto artístico autônomo em sua constituição, buscando sua singularidade, a postura do professor deve parecer-se com esta:

Na sala de aula, essa perspectiva traduz-se em uma postura investigativa que se recusa a conceber o leitor como inferior ao objeto. Em lugar da idolatria, que projeta uma imagem da literatura como de algo intocável, uma sublimidade etérea, é melhor trabalhar com outra representação e pensá-la como um brinquedo, ou como feita de algo que se pode tocar, lambuzando-se, como argila ou lama”. (DURÃO, 2017, p. 227)

Tal concepção, na forma de lidar com o texto literário na sala de aula e na sua forma de representação, coaduna-se com conceito de letramento literário, cuja implicação principal é que o leitor construa sentidos literários, ou seja, leia literariamente, o que significa dizer adentrar aspectos complexos e reversos da linguagem, uma vez que ela é uma “transposição do real” para o imaginário, como nos ensina o mestre Candido. Sendo uma prática social, transmuta por meio da linguagem a vida social e por ela o leitor exercita a sua construção interpretativa. Formulação de

hipóteses, intertextualidades, diálogos com a comunidade de leitores, incluindo aí o professor, são instâncias importantes nesse processo.

Nessa direção, os jovens na sociedade contemporânea realizam outros movimentos nos quais, a partir de uma sugestão de leitura de um professor, expandem a sua busca e acesso por meio de outras interlocuções além da escola. É o caso das *fanfictions* e *fandoms*. Os *fandoms* “são sistemas multimodais de leitura que se estabelecem em torno de uma obra” (MIRANDA apud AMARILHA, 2013). A *fan fiction* (em português, literalmente, "ficção de fã"), também grafada *fanfiction* ou, abreviadamente, *fanfic* é uma narrativa ficcional, escrita e divulgada por fãs em *blogs*, *sites* e em outras plataformas pertencentes ao ciberespaço e tem como objetivo a construção de um mundo paralelo ao original, provocando interação e troca de informações dos aficionados acerca da obra fonte. Esses modos de ler, muito comum entre os jovens mais interessados em uma determinada obra, acaba por escapar, muitas vezes, ao professor. De outro modo, ele precisaria dispor do conhecimento desse universo a fim de poder mapear e compreender o comportamento leitor do jovem ao qual deseja influenciar.

Outro aspecto importante destacado por Amarilha (2013) é a diferença entre leitura extensiva e leitura intensiva. A autora retoma a classificação já debatida por outros pesquisadores da leitura, a exemplo de Roger Chartier. A leitura extensiva é aquela em que o leitor passa rapidamente coletando informações e as têm disponíveis em grande quantidade, algo que fica muito claro ao pensarmos nas redes sociais ou mesmo na web. Já a leitura intensiva refere-se a um aprofundamento, algo que exige tempo e disponibilidade, e coaduna-se com o que aponta Resende (2013), ao se referir a necessidade de um *cronotopo* adequado à leitura de literatura na escola. Essa leitura intensiva é a que realizamos quando lemos uma obra literária, pois dela se constroem conhecimentos, se ampliam significados, se interage com outras linguagens e se ressignifica simbolicamente o mundo, ou seja, é o exercício sofisticado de atribuir sentidos e dialogar com a obra por diversos vieses. Tal intensificação resulta da natureza dialética do artefato literário que é autônomo, mas, ao mesmo tempo, só se constitui plenamente na relação com os elementos externos e com o leitor, o que implica sua circulação (CANDIDO, 2006). Tal circulação resulta em um dos aspectos que

envolve diretamente a formação do leitor, visto que é neste ponto que se dá o acesso à obra.

Tendo em mente o teor constitutivo da obra literária e o tipo de leitura que ela exige, interessa-nos também o conceito de experiência a fim de que ele possa subsidiar as reflexões analíticas sobre os dados. Partimos da concepção benjaminiana de experiência em seu clássico ensaio “O narrador”. A experiência outrora era transmitida pelos mais velhos, pois estes tinham o que contar e representavam a autoridade e a sabedoria. Transmitir a experiência na contemporaneidade se tornou impossível, resultando na pobreza de experiências que caracteriza os tempos modernos. Há ainda o ensaio “Experiência e pobreza”, cuja reflexão se dá na relação entre experiência e vivência. Já para Jorge Larossa, para quem a experiência é basilar no processo educativo,

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LAROSSA, 2002, p. 21)

O conceito de experiência, tal qual exposto por estes autores, possibilita uma investigação que permite um olhar mais voltado para o entendimento dos significados advindos do contato dos jovens com o texto literário. Se os estudos sobre a historiografia literária já demonstraram os limites, categorias que considerem a expressão das subjetividades, como é o caso da experiência, pôde indicar caminhos interpretativos capazes de revelar aspectos obscuros sobre os quais nos debruçamos.

Para muitos jovens inseridos no contexto em que vivemos e, especialmente, no contexto regional em que está inserido o IFRN Campus Lajes, o acesso ao texto literário se dá na escola. No dizer de Magda Soares (1999), ao tratar da “Escolarização da literatura infantil e juvenil”, não se trata de defender uma não escolarização da literatura, pois uma vez inserida no contexto formal da escola, há o necessário processo de didatização dos conteúdos. A pergunta básica é se escolariza-se adequadamente o texto literário, preservando a sua natureza plural e multifacetada, o que caracteriza a sua singularidade.

A discussão sobre a forma literária, ou seja, como se organiza a linguagem no artefato artístico tornando-o arte (DURÃO, 2017) é o que diferencia, em boa dose, a

complexidade do texto literário, levando-nos a um empenho cognitivo e a um investimento emocional para construir sentidos e interpretar o que está posto na página, fugindo aos modelos pré-formados. Isto posto, obra literária (incluindo também o autor), leitor e mediador são instâncias que dialogam implicando modos de ler, formas de circulação e de acesso à obra. São esses, portanto, alguns dos conceitos que perpassaram essa pesquisa, cujo percurso metodológico se delineia a seguir.

3. O caminho da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com base na metodologia analítica e interpretativista, embora, quando necessário, foram utilizadas, também, técnicas quantitativas para mensurar os dados. A investigação foi desenvolvida em três etapas: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa de campo e a análise dos dados. Para a pesquisa bibliográfica, foi realizada uma revisão dos conceitos de literatura, sistema literário (obra, autor e leitor), cânone literário, formação do leitor literário bem como o de letramento literário e de experiência, de acordo com os autores já indicados na discussão teórica, no item anterior.

Já a pesquisa de campo, que resultou na constituição dos dados, foi desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, Campus avançado Lajes, com alunos do 1º ao 4º ano do Ensino Médio Técnico Integrado, sendo, dividida em duas partes: 1ª) seleção dos alunos colaboradores, por meio de uma enquete na qual os alunos se autointerpretaram como leitores de literatura; e 2ª) a aplicação de um questionário eletrônico no *Google Forms*, aos alunos selecionados via enquete, para que, por meio desse questionário, fossem colhidos dados sobre a especificidade dos gostos e hábitos de sua condição de leitor literário. Por meio da enquete, foram identificados 77 estudantes que se autointerpretaram como leitores literários. Após essa identificação, foi criado um grupo de *whatsapp*, especificamente para disponibilizar o questionário aos alunos selecionados e tirar possíveis dúvidas quanto à pesquisa. Desse universo, 47 alunos se disponibilizaram e responderam ao questionário eletrônico. Essa foi, portanto, a amostragem que gerou os dados para análise.

A pesquisa voltou-se para a compreensão de aspectos que implicam na formação do leitor literário no Ensino Médio Integrado, sendo estes discutidos no decorrer do

desenvolvimento da pesquisa, a saber: a) de que forma as plataformas utilizadas pelos jovens interferem no quê e na forma como eles leem? b) que outros professores, além dos de Língua portuguesa e Literatura exercem a função de mediadores quanto à formação de um leitor literário? c) o aluno, na sua vivência no ensino médio integrado no IFRN, percebe-se como um leitor literário com maior autonomia e amadurecimento? Esses aspectos/questionamentos serviram de base para a elaboração de perguntas do questionário eletrônico composto de 12 perguntas, sendo 07 objetivas e 05 subjetivas. Para apresentar os resultados, foram organizados blocos de significados, observando-se os objetivos específicos iniciais da pesquisa e as respostas dos colaboradores, como uma forma de interpretar os resultados. Os itens a seguir, construídos a partir dessa metodologia, detalham as análises. Para maior clareza dos dados, demonstram-se gráficos e tabelas, procedendo-se posteriores comentários, com destaques de trechos das respostas subjetivas dos participantes.

4. Qual leitor se tece? – analisando as respostas dos jovens leitores

A etapa de análise dos dados se deu por intermédio da exploração das respostas do questionário eletrônico. Os dados nele expostos nos possibilitaram uma visão mais ampla em torno dos fatores que influenciam na formação do leitor literário. Nesse questionário, os alunos puderam expressar qual o significado da literatura em sua vida, de que forma os professores os influenciam nas escolhas das obras literárias que leem, de que forma o fato de eles serem alunos do ensino médio integrado pôde ampliar sua autonomia leitora, entre outras questões que serão analisadas a seguir.

4.1 O jovem conectado e o livro de papel – modos de ler

Nesse item, tratamos de dois aspectos: a forma de acesso e o suporte preferido pelos alunos. De acordo com a pesquisa, 34% dos alunos que responderam ao questionário conseguem ter acesso aos livros de literatura tomando emprestado e comprando-os, 31,9% têm acesso na biblioteca da escola e 10,7% toma emprestado de pais, parentes, amigos e colegas, o que soma a maior parte de porcentagem dos alunos, conforme se demonstra na tabela 1.

Tabela 1: forma de acesso aos livros de Literatura pelos jovens leitores

34%	Tomo emprestado e também os compro
31,9%	Emprestados da biblioteca da escola
12,8%	Outras formas de acesso
10,6%	Compro meus livros frequentemente
10,7%	Emprestados de pais, parentes, amigos e colegas

Fonte: elaboração das autoras

Se a forma de acesso dos jovens aos livros de literatura é majoritariamente (mais de 75%) via empréstimos, no que se refere ao suporte, os gráficos 1 e 2 informam que o suporte preferido pelos alunos é o livro de papel.

Gráfico 1: tipos de suporte preferido pelos leitores

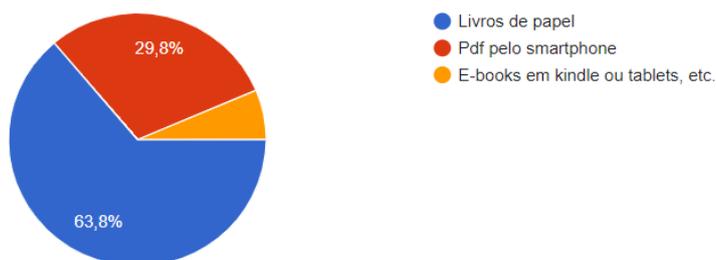
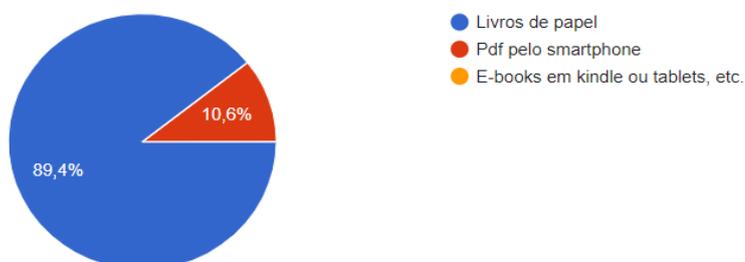


Gráfico 2: prevalência dos leitores entre os suportes de leitura

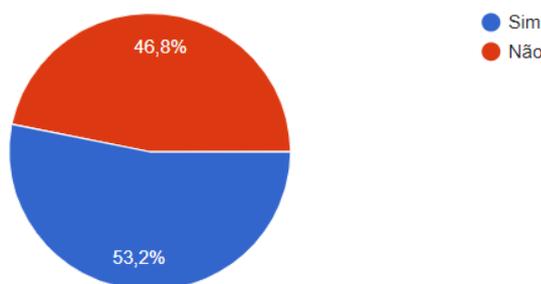


Fonte: elaboração das autoras

Pelo que se observa, no que concerne aos modos de ler e o suporte escolhido pelos colaboradores, as respostas representadas no gráfico 1 demonstram que a maior parte dos alunos, isto é, 63,8%, utilizam com mais frequência o livro de papel. Procurou-se refinar mais um pouco a compreensão sobre a prevalência dos jovens leitores, perguntando-lhes qual, dentre os suportes por eles apontados (livros de papel, pdf pelo *smartphone*, *e-books* em *kindle* ou *tablet*), prevalecia. A grande maioria opta pelo livro de papel (impresso), o que, de acordo com o percentual das respostas, equivale a 89,4% dos alunos. Essa evidência impressiona sobremaneira, uma vez que os jovens, atualmente, vivem quase que permanentemente conectados, em contato com a tecnologia e voltados aos aparelhos eletrônicos. No entanto, mesmo diante do acesso e da imersão no universo tecnológico, o livro de papel ainda é preferido pela maioria dos alunos/jovens ao invés do livro em formatos digitais. Tal dado indica que a permanência do livro como objeto tangível, com o qual o leitor mantém uma relação singular de contato e até de afeto, a depender desses jovens, deve perdurar ainda por muito tempo.

4.2 O ensino médio integrado e a formação do leitor literário

Gráfico 3: o ensino médio integrado e a autonomia leitora



Fonte: elaboração das autoras

As respostas representadas no gráfico 3, cuja pergunta era “Ao ingressar no Ensino Médio Integrado no IFRN, você já se considerava um leitor literário, que buscava e lia obras de forma independente?”, mostram que 53,2% já se consideravam leitores literários ao ingressarem no IFRN, enquanto 46,8% não se consideravam ou não liam de forma autônoma obras literárias. Diante disso, é importante ressaltar que quase

metade deles tornaram-se leitores literários após o ingresso no Ensino Médio Integrado, um dado que se considera relevante. As respostas à pergunta 7, que procurou investigar como o aluno avalia, após ingressar no IFRN, se o seu grau de interesse e autonomia para escolher suas próprias leituras foi ampliado, coadunam-se com as informações analisadas nesses gráficos. Dela destacamos quatro respostas dos colaboradores:

Sim, fiquei mais crítica para escolher os livros, deixando de lado as capas, as letras bonitas, as folhas enfeitadas e focando mais no conteúdo.

Acredito que reafirmei o gosto pelos clássicos da literatura brasileira, pois com a necessidade de lê-los para algum trabalho acabo gostando das obras.

Sim, pois descobri um mundo de autores e obras os quais, para mim, não existiam.

Com total certeza. Tive base e fortalecimento de minha autonomia para conhecer-me a mim mesmo, meus gostos literários e também poéticos. As indicações e comentários do corpo docente me instruíram fortemente.

Essas respostas destacam que os exercícios de leitura literária vivenciados pelos alunos no Ensino Médio Integrado e a convivência com os docentes leitores os deixam mais autônomos em relação ao que leem.

4.3 Influência de professores de várias áreas na formação literária

A pergunta de número 6 do questionário foi subjetiva e desejava saber: “Após ingressar no Ensino Médio Integrado no IFRN, que outros professores, além dos de língua portuguesa, influenciaram na sua formação literária, lhe indicando obras para ler?” As respostas a esta pergunta estão diretamente relacionadas à maneira como os mediadores, nesse caso os professores, interferem na vivência literária desses leitores. Pelo relato dos estudantes, não se trata de mera indicação, mas o contar o significado ou de como leram determinado livro acaba impressionando os jovens. Destaca-se a área de linguagens e humanas, sendo a ordem crescente de influência as disciplinas: *sociologia, artes, história, filosofia e língua inglesa*. Analisando as respostas, destacamos algumas:

Professores das áreas de História, Artes e Sociologia e até mesmo matemática. Pelo interesse em alguns conteúdos dessas áreas e para o desenvolvimento do crescimento técnico e pessoal.

A influência era pela maioria dos professores, para que nós tivéssemos mais afinidade com a literatura, sendo assim, teríamos um repertório sociocultural mais amplo.

O professor de Artes, através de conversas extraclasse. Nos corredores da instituição, na cantina e nos momentos de almoço, o determinado professor captou o meu interesse pela ciência, pela literatura e pela arte de modo geral, enxergou também minha inquietação intrínseca em ir além do convencional, do comum, do tradicional, e indicava-me, com certa frequência, contos, textos dramáticos, poemas e romances que colaboravam com esse objetivo. Foi por ele que conheci autores como Friedrich Nietzsche, Sarah Kane, Gabriel García Marquez, José Saramago, Federico García Lorca e Antonin Artaud - cujas obras mudaram a minha percepção acerca da existência humana.

Essas respostas evidenciam que, além dos professores de literatura, professores de outras áreas também exercem a função de influenciador e, por vezes, mediador na formação do leitor literário.

4.4 Critérios de escolha das obras literárias

Visando compreender, de forma clara, que aspectos fazem parte dos critérios de seleção das obras literárias dos jovens leitores, a pergunta 8 do questionário nos ajuda nesse sentido. Ela questiona: “Quais critérios você leva em conta ao escolher as obras literárias que aprecia?” As respostas dos 47 participantes foram muito diversificadas, o que gerou oito tipologias de critérios, os quais organizam-se na tabela abaixo, destacando-se o critério e a quantidade de vezes que apareceram nas respostas. Cada participante elegeu vários critérios de escolha e não apenas um, daí o mapeamento quantitativo.

Tabela 2: critérios de escolha de obras literárias pelos jovens leitores

Critérios	Quantidade de respondentes
1. Temática	16
2. Resumo, resenha, sinopse	10
3. Interesse e identificação	9
4. Gêneros (ficção, romance, suspense, etc.)	7
5. Por indicação	7
6. Autores	6
7. Título e capa	4
8. Outros: fácil interpretação, tamanho do livro	vários

Fonte: elaboração das autoras

Para exemplificar, destacam-se algumas respostas integrais, tais como: “Resenhas e comentários de amigos ou comentários via internet”; outro escreveu: “Resumo e opiniões de pessoas que já leram”; e outro acrescentou: “Além do gênero que mais me agrade, por indicações e pela sinopse da obra”. Os critérios de escolhas das obras literárias podem vir por meio da influência dos mediadores, no entanto, sabe-se que cada pessoa é única e possui opiniões expressas geradas através dos seus gostos, por isso seus gêneros literários preferidos também fazem parte do critério dessas escolhas. Dentre eles, os mais escolhidos foram: romances e novelas, poesia e clássicos universais.

4.5 Tal mediador, qual leitor: influências na formação do leitor e a literatura como exercício do livre pensar

O papel do mediador, em situação escolar ou não escolar é, em geral, estimular, influenciar e conduzir o leitor com base na sua própria experiência literária e em técnicas já bastante disseminadas por meio dos estudos sobre ensino de literatura e formação leitora. Saindo um pouco do contexto dos professores de língua portuguesa e literatura, consideramos que o professor leitor, em geral, incentiva seus alunos por meio de conversas, relatos e indicação de textos que contam sua vivência, utilizando-se de determinado gênero, autor ou livro. No âmbito dessa pesquisa, desejou-se saber que experiências literárias os alunos, após ingressarem no IFRN, vivenciaram. A penúltima questão solicitava: “A partir das influências que você recebeu após ingressar no IFRN, conte-nos uma experiência de leitura de um livro que lhe marcou de tal modo que você compreendeu a prática de leitura literária como algo indispensável em sua vida.” Tal pergunta parte da compreensão de experiência como uma vivência capaz de transformar, de tocar (LAROSSA, 2002), de alterar paradigmas. Nesse quesito, os alunos comentaram que suas leituras lhes trouxeram “aprendizados”, “satisfações para a vida pessoal”, “ideias mais acolhedoras em relação à literatura”. Dentre os 47 relatos obtidos por meio do questionário, destacam-se seis deles, procurando-se demonstrar o largo espectro que eles abarcam, desde a presença de obras vistas como literatura de massa, passando por clássicos da literatura brasileira, literatura brasileira contemporânea e ainda literatura de autoajuda.

Após ler o primeiro dos livros da saga Harry Potter vi emergir em mim um desejo de ler o restante. Ao final da 7ª obra, senti interesse por outras e outras leituras. Vi na leitura novos mundos e realidades que me consolaram e me forneceram conteúdo para a vida e mundo reais.

Um livro que me marcou, enormemente, foi *Dom casmurro*, foi um livro onde pude habitar na história e realizar atividades por meio dele me tornando uma das personagens, sendo assim um livro essencial para mim.

No início do ano letivo de 2018 a professora de Língua portuguesa e Literatura brasileira designou romances para a turma ler, o meu grupo foi designado para ler *A Moreninha*, livro que marcou o início do romance no Brasil, mas isso não chamou minha atenção, quando comecei a ler, achei a leitura muito chata e enfadonha, pensei que não iria compreender nada, mas tudo mudou quando passei a me concentrar na leitura e na reflexão realizada por tal, mostrando-se a relevância do romance convencional, e ao final, quando acabei de ler o livro passei a achá-lo engraçado e divertido.

A partir da leitura do romance de Conceição Evaristo *Becos da Memória* e da peça teatral de Ariano Suassuna *O santo e a porca*. Duas leituras que me trouxeram muitos aprendizados, pois consegui associar temáticas imersas presentes nas obras com situações atuais. Fortalecendo o cunho investigatório e tentando compreender problemáticas sociais.

Bom, acredito que *O Alquimista*, de Paulo Coelho, me ajudou a enxergar algumas situações por outra perspectiva, como por exemplo, os nossos sonhos. Com este livro, aprendi que o impossível se torna possível quando decidimos ser o ponto de partida da nossa vida.

No decorrer desses anos, o que mais me motivou a ler e, de fato, causa em mim uma sensação de satisfação, felicidade e vontade de ler cada vez mais, foi quando houve o 1º sarau no IF, eu li, estudei e aprendi várias poesias e quanto mais eu lia, mais tinha (e tenho) vontade!

A partir das vozes dos jovens leitores, confirmam-se aspectos importantes acerca do trabalho com a literatura na sala de aula e mesmo fora dela. Desfazem-se certos preconceitos e concepções rígidas sobre a condução da mediação leitora junto aos jovens. Seria necessário analisar miudamente cada um desses excertos, a fim de se demonstrar como a natureza do aprender e do desenvolvimento de habilidades leitoras são singulares e peculiares a cada leitor, influenciando e agindo sobre eles de forma diferente. Sem a intenção de especificar o tanto quanto seria possível a partir dos depoimentos, restringimo-nos, no entanto, a apontar alguns aspectos que se notam de imediato nos relatos.

Para o leitor ou leitora que se encanta com a obra de J. K. Rowling, Harry Potter consolou e abriu horizontes para novas leituras, confirmando-se a noção de que muitos jovens começam seus caminhos de leitores por meio das obras mais conhecidas e

populares e, por esse viés, são conquistados para a aventura da imaginação e do conhecimento via literatura.

No caso do leitor ou leitora que se refere a *Dom Casmurro*, trata-se possivelmente da reverberação do trabalho realizado em sala de aula, em que os alunos tiveram que organizar um jurado acerca da visão de relacionamento e traição que perpassa a obra, isto é, o velho debate se Capitu traiu ou não traiu Bentinho. Tal proposta de fato ocorreu, sendo conduzida por outro colega professor de língua portuguesa e envolveu toda a turma, levando-os a protagonizarem as personagens e operando um verdadeiro interesse e envolvimento com a obra, conforme demonstra o depoimento acima.

Ao se trabalhar *A moreninha* (1844)³, um clássico convencionado como o primeiro romance do Romantismo brasileiro, houve relutância do grupo por considerá-lo chato. Entretanto, o trabalho de mediação, por meio da demonstração dos aspectos históricos e sociais, da linguagem e da natureza do romantismo, fez com que os alunos compreendessem a importância de se ler a obra, indo além da leitura por prazer, ampliando a compreensão do texto literário como algo mais exigente e complexo, pois traduz dos aspectos sociais, históricos e econômicos à concepção de homem e de mulher, da organização social, enfim, revelada por meio do drama romântico.

Conduzir à compreensão de problemáticas históricas que se perpetuam na realidade brasileira são aspectos percebidos ao se ler a obra de Conceição Evaristo e Ariano Suassuna, por exemplo. Com Paulo Coelho, em que pesem os argumentos desqualificadores por parte de determinadas visões academicistas, o jovem leitor ou leitora pôde se estimular e compreender a função e o poder de sonhar o ‘sonho acordado’. Por fim, um sarau poético serviu de mote para a descoberta de um leitor de poesia considerá-la imprescindível e desatar a vontade de ler e continuar lendo.

Considerações finais

Ao propor esse projeto de pesquisa, esperava-se compreender e elucidar, no âmbito da complexidade da problemática, aspectos singulares, como práticas e

³ Cronologicamente, o romance *O Filho do Pescador*, de Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa, publicado em 1843, é o primeiro romance da Literatura brasileira. No entanto, a repercussão e circulação de *A moreninha* fez com que Macedo fosse considerado o pioneiro do gênero.

orientações que contribuem para formar o leitor literário no contexto do Ensino Médio Integrado. Os dados constituídos durante a pesquisa demonstraram que “tornar-se leitor” é resultado de uma série de “experiências” as quais estimulam o contato com as obras, apresentam condições materiais mínimas de acesso e, geralmente, envolvem algum mediador (professores, parentes ou amigos), ou seja, algum leitor mais experiente que dá dicas, sugestões, empresta livros ou simplesmente apresenta-se como *exemplo* de leitor. A pesquisa trouxe à tona muitos dados relevantes para que se entenda a formação do jovem leitor no contexto do ensino médio. Resumidamente, elencam-se os significados que os dados traduzem, os quais apontam aspectos orientadores para o âmbito do ensino e da pesquisa na área da formação do leitor literário, a saber: a) as práticas e orientações dos mediadores são *determinantes* no que diz respeito à formação do leitor literário; b) os professores da área de linguagens e das ciências humanas são os que se destacam como fortes influenciadores; c) o acesso aos livros são marcadamente via empréstimos, seja da biblioteca da escola, seja de amigos e/ou parentes; d) os jovens estudantes preferem, majoritariamente, ler em livros de papel; e) desenvolvem e ampliam sua autonomia leitora após ingresso no Ensino Médio Integrado; e, finalmente, f) consideram que a Literatura dá asas à imaginação, é essencial e indispensável, possibilita uma visão de mundo crítica, promove o autodesenvolvimento e experiências transformadoras em suas vidas.

Recapitulando, do gosto por ler no livro de papel ao livro digital, de contar com sugestões dos professores, colegas e parentes; da busca por livros por meio dos resumos e resenhas na internet até o reconhecimento da escola como instância fortalecedora da autonomia leitora, os jovens leitores literários leem e encontram sentidos na Literatura quando afirmam que leem porque é algo que lhes faz bem e por isso são leitores. Outros relatam que se tornaram leitores visto que, ao lerem, viajam no mundo da imaginação, desenvolvem o raciocínio e a faculdade mental. Outros, ainda, explicam que se tornaram leitores pelo simples fato de se sentirem mais calmos. Tudo isso revela as singularidades do processo de formação leitora. Cada leitor tem uma motivação que o fez ser um leitor, seja por sentir-se feliz ou porque desenvolve sua capacidade intelectual, porque se sente inserido no mundo ou porque o ajuda nos conteúdos da escola e assim por diante.

Isto posto, finaliza-se este artigo com um comentário de um dos colaboradores, que bem demonstra vários motivos que o fazem ser um leitor literário:

A leitura compila, além de belas histórias, fábulas, contos e novelas, todo um conjunto do conhecimento humano impresso ou digitalizado. Vi a possibilidade de acesso ao pensamento de grandes gênios da humanidade através de suas obras. Aliado a tudo isso, enxerguei a possibilidade de crescer como ser humano, transcender o comportamento arrebanhado das massas e edificar meu espírito e essência adquirindo mais e mais conhecimentos. Tomei a maturidade e desenvolvimento pessoais como meta.

Por fim, reitera-se, com isso, conforme iniciamos as discussões neste artigo, como é válida e ainda atual a defesa pelo direito à Literatura, tendo em vista o discurso dos jovens estudantes, cujas trajetórias de vida e diferenciais quanto à inserção social e desenvolvimento de suas potencialidades, são fortemente influenciados pelo frequente e profundo contato com leitura de literatura.

Referências bibliográficas

- AMARILHA, Marly. *Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola*. São Paulo: Livraria da Física, 2013.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In:_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 197-221.
- BERNARDES, José Augusto Cardoso; MATEUS, Rui Afonso. *Literatura e Ensino do Português*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: *Vários Escritos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul/Duas Cidades, 2004, p. 169-191.
- CHIAPPINI, Lígia. *Reinvenção da catedral*: língua, literatura, comunicação, novas tecnologias, políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005.
- CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (Org.) *Os formalistas russos*. Tradução Ana Maria Ribeiro Filipouski e outros. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1978, p. 39-56.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e Letramento literário*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- DURÃO, Fábio. Da intransitividade do ensino de literatura. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 40, jan/abr. 2017.
- ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderlei Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.
- PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento Literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: RÖSING, Tânia; ZILBERMAN, Regina (Orgs). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.
- OLIVEIRA, Míria Gomes de. O ensino da leitura e da literatura no ensino médio brasileiro: Controvérsias, diversidade e polifonia. *Revista Portuguesa de Educação*, Universidade do Minho: Braga, Portugal, v. 27 n. 1, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872014000100006>. Acesso em: 13 de jan./ 2018.
- PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. 2.ed. revista e ampliada. João Pessoa: Ideia, 2002.
- PINHEIRO, Hélder. Teoria da literatura, crítica literária e ensino. In: PINHEIRO, H; NÓBREGA, M. (Orgs.). *Literatura: da crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006, p. 111-24.
- REZENDE, Neide Luiza de. O ensino da literatura e a leitura literária. In: DALVI, Mária Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 99-112.
- RODRIGUES, Maria Fernanda. Análise da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/blogs/babel/44-da-populacao-brasileira-nao-le-e-30-nunca-comprou-um-livro-aponta-pesquisa-retratos-da-leitura/>>. Acesso em 31/mar./2018.
- SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Helina Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia

Versiani (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Recebido em 06/07/2020

Aceito em 18/08/2020

ⁱ **Cássia de Fátima Matos dos Santos** é Licenciada, Mestre e Doutora em Literatura Comparada (UFRN). Lecionou na UFRN e na UERN. Colabora com o Programa de Pós-graduação PROFLETRAS da UERN, Campus de Assu. Docente efetiva do IFRN, *Campus Lajes*. **E-mail:** cassia.santos@ifrn.edu.br; cassiafmsantos@gmail.com

ⁱⁱ **Afra Gabriela da Silva** é Técnica em Informática (IFRN). Graduanda em Ciências Sociais (UFRN). **E-mail:** afragabrieladasilva@gmail.com